

MONTE LIBANO  
CAMPEÃO BRASILEIRO  
DE BASQUETE

# PLACAR

N.º 774 22/3/1985 Cr\$ 3 900



**MAGUILA: "ANDO SEMPRE COM O MEU 38"**

**CAMPEÕES DE 70 ESCOLHEM SEUS HERDEIROS**



O campo  
no domingo,  
depois  
do show

**VENDAVAL  
MENUDO ARRASA  
MORUMBI**



SÃO PAULO 4  
PALMEIRAS 4  
Pita, autor do maior  
golaço da Taça de Ouro

**CHUVA DE GOLS**



## OPINIÃO

### Estrago graúdo

Os pais de um casal de filhos à beira da adolescência acompanharam, nos últimos dias, uma relação de amor e ódio em torno de um fenômeno musical. O Menudo, grupo de rock porto-riquenho, tem esta capacidade de despertar fortes sentimentos: as meninas, em geral, adoram; os meninos nem podem ouvir falar. É visível na reação irada dos guris, muito mais que apuro musical, uma natural inveja dos cinco pirralhos por quem suspiram as garotas. Para os pais (que também morrem de inveja das paixões dos filhos, mas não gostam de confessar) tem sido mais fácil se aliar, ainda que secretamente, às posições críticas dos meninos — afinal, quem cresceu com os Beatles nos ouvidos não engole qualquer coisa...

Mas, enfim, a gente aprende com a vida a não fazer pouco dos grandes fenômenos de popularidade, e esse valor os pir..., ou melhor, os menudos têm de sobra. Assim, não teríamos nada a falar da passagem deles pelo Brasil, não tivesse a excursão provocado estragos tão grandes às praças de esporte. O futebol, mais uma vez, paga pela falta de palcos destinados a outros espetáculos de massa. O efeito do vendaval-menudo no Morumbi vai custar ao São Paulo 80 milhões de cruzeiros e provavelmente um mês de interdição aos jogos. Estrago semelhante houve no Mangueirão, em Belém, e em outros estádios por onde passou a excursão — o gramado literalmente dançou. Em São Januário, no Rio, o campo escapou ileso, mas os tumultos verificados na entrada do show deixaram o trágico saldo de duas mortes, dando razão a quem lamentou a extinção sumária de um espaço como o rockódromo. Ótimo que haja público para tantos espetáculos variados, de música ou de outros esportes. Mas é preciso que se abram lugares para eles ou que os estádios de futebol se preparem adequadamente para as invasões, porque só assim ninguém terá nada a lamentar.

Guilherme Cunha Pinto

## SUMÁRIO



São Paulo x Palmeiras, emoção até o 90.º minuto

4



Cilinho, o último romântico do futebol

32



Monte Libano prova: o basquete está vivo

68

4

A terceira rodada do retorno da Taça de Ouro atropelada pelo Menudo

20

Seis dos maiores técnicos brasileiros dizem o que é futebol moderno

26

Os titulares da Seleção tricampeã no México apontam seus herdeiros

37

Maguila, o campeão, tem medo de assalto. Por isso anda armado

44

Desaparece tragicamente um repórter fotográfico de PLACAR. Sua arte fica

- 31 O Ano do Castor (de Andrade)
- 48 Esporte Total
- 52 Bola de Prata
- 54 A CBF e o "livro negro"
- 56 Senna e Piquet, o "pega" na F 1
- 58 Mulheres na água
- 65 Cartas
- 67 Campeonato Italiano
- 68 Monte Líbano campeão
- 70 Loteria Esportiva
- 72 Tabelão

## ESPORTISTA DA SEMANA



Cercado de garotos, ele, Careca e Oscar têm dado o toque de classe exibido pelo São Paulo em alguns jogos. No sábado, exagerou. Pegou a bola quase no meio do campo e foi driblando, driblando, até entrar na área... driblar o goleiro Leão e devolver ao ato de fazer o gol a beleza que poderia levar a ilustre assinatura do Rei Pelé. Tinha boas razões o tranqüilo Pita para sonhar depois do São Paulo 4 x Palmeiras 4: "Espero ser chamado para a Seleção". E todos esperam que ele faça outros gols assim — com a camisa amarela





FOTOS SAULO MAZZONI

Palmeiras e São Paulo foram inesquecíveis: "Um show", segundo Travaglini; "Fora-de-série", segundo Cilinho

TAÇA DE OURO — GRUPOS A/B

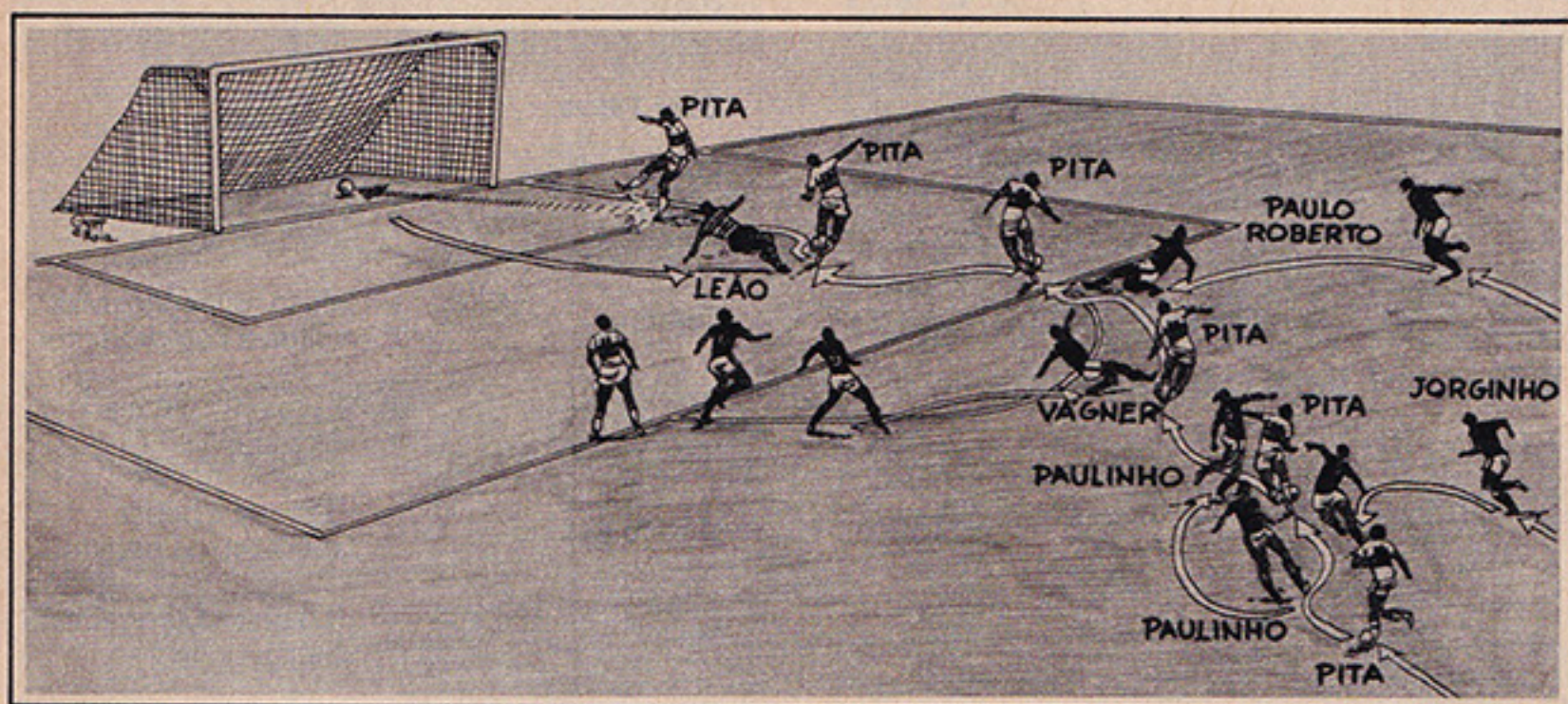
SÃO PAULO 4 X PALMEIRAS 4

# 90 minutos só de emoção

Um jogão do começo ao fim: dois pênaltis perdidos, um golão de Pita e o empate no último instante

**A** obra de Jorge Amado, a música da Sinfônica de Campinas e da família Caymmi, devidamente acompanhada por Caetano Veloso, um golão de Pita e as emoções de um empate cheio de reviravoltas com o Palmeiras foram manifestações artísticas que Cilinho põe na mesma conta para concluir que passou um sábado maravilhoso. "O jogo São Paulo 4 x Palmeiras 4 foi algo comparável ao show em homenagem a Jorge Amado a que fui assistir após a partida", sintetizava o eclético técnico são-paulino (veja a reportagem na página 32) já na manhã de domingo, um pouco antes de dar um passeio pela feira de antiguidades do Museu de Arte de São Paulo, ao lado de dona Cila, sua mulher.





**Um gol de placa: Pita dribla meio Palmeiras e faz 1 x 0 para o São Paulo**

Cilinho estava tranqüilo e satisfeito, bem diferente daquele que deixou o Pacaembu correndo, dando a entender que estava arrasado com a perda de um pênalti por Careca aos 43 minutos do segundo tempo e com o milagroso gol conseguido pelos palmeirenses aos 45. "Só saí rapidamente porque tinha de encontrar minha mulher para irmos ao show. Quanto ao pênalti, só perde quem cobra. Por isso é que esse tal de futebol carrega tanta emoção."

É claro que Cilinho queria a vitória, mas ele preferia lembrar a boa partida de seus garotos: "É preciso que se dê um pouco mais de cancha a eles. Basta ter paciência e esperar que se acostumem com a emoção dos grandes espetáculos". E este clássico de sábado seguramente contribuiu para o amadurecimento da equipe. Quando a maturidade chegou e o uruguaio Dário Pereyra voltar da Seleção de seu país, Cilinho não tem dúvida de que o São Paulo será difícil de ser batido.

Entre os jogadores, ainda no vestiário, nem todos entendiam como era possível ter cedido o empate no final. Com sua calma habitual, Pita era um deles, mas mal tinha tempo de comentar o jogo. Todo mundo queria conversar sobre o golço sensacional que ele havia marcado aos 11 minutos do primeiro tempo, quando arrancou quase do meio do campo, driblou toda a defesa do Palmeiras, o goleiro Leão e tocou a bola para a rede com suavidade.

Para isso, Pita tinha explicação: "Driblando pela direita, eu sempre consigo entrar nas defesas adversárias. Eu driblo bem para dentro e é difícil tirar a bola de meus pés. Quando dei o primeiro drible, senti que deveria insistir. Acho que fiz um gol desses uma vez contra a Seleção da União Soviética".

#### **A TORCIDA IA E VINHA**

Outro são-paulino que não entendia o empate era Oscar, que fez um gol e mandou uma bola na trave de Leão. Ele não se conforma em ter levado 27 gols em 13 jogos: "Isso nunca aconteceu em minha carreira". E lamenta: "E o azar nesse sábado? Quando Careca correu para bater o pênalti, eu achei que o jogo estava liquidado".

Até a torcida do Palmeiras, que já

havia começado a abandonar as arquibancadas quando o São Paulo fez 3 x 1 e voltou quando o time empatou, também perdeu a esperança. Foi embora de novo, para de novo voltar quando o Palmeiras chegou aos 4 x 4, logo em seguida ao pênalti perdido por Careca. Foi um empate que fez a alegria do diretor de futebol Aldo di Mauro, obrigado a ver o jogo das arquibancadas, pois está suspenso. Descendo para o vestiário, ele ainda parou para ver Careca bater o pênalti. Nem se emocionou quando a bola bateu no travessão. Mas, quando o Palmeiras empatou, ele esqueceu a crise que se instalou no Parque Antártica em consequência das cinco derrotas seguidas e que culminou com a saída do seu companheiro Walter Lopes da Silva. "Acompanho o Palmeiras há 44 anos e nunca vi tantas derrotas seguidas", confessava Aldo, que agora dirige sozinho o departamento de futebol.

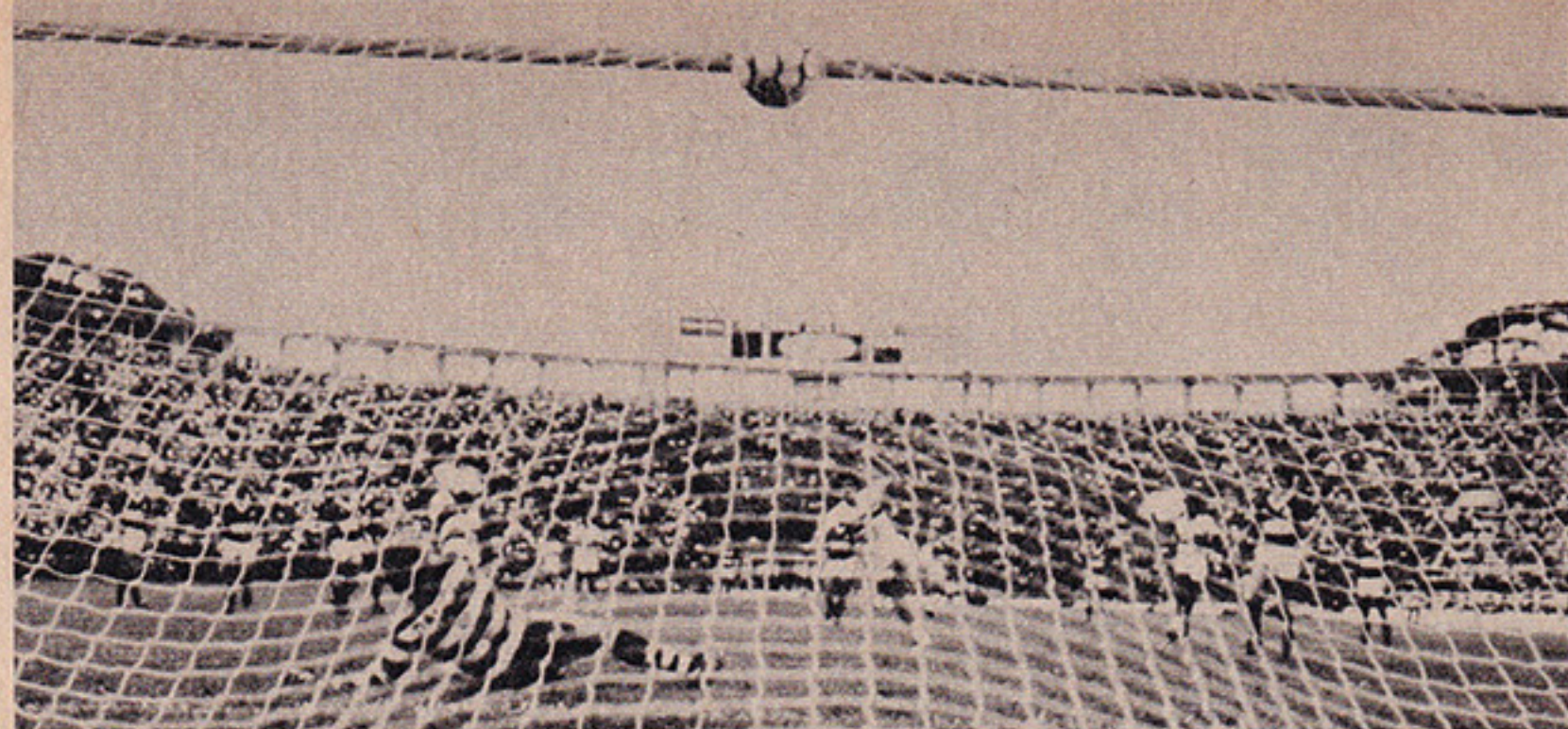
Mas os 4 x 4 acabaram sendo comemorados, pois o Palmeiras esteve sempre atrás no marcador. Por isso, animado, o lateral Ditinho, que fez o gol do empate no último minuto de jogo, garantia: "Já que somos um time grande, nós mesmos temos de dar um jeito de sair dessa crise. E vamos sair".

O meia Mendonça também acha que novos ares soprarão no Parque Antártica, embora ninguém espere mais nada nesta Taça de Ouro: "A sorte está de volta. Eu mesmo tive sorte. ▽

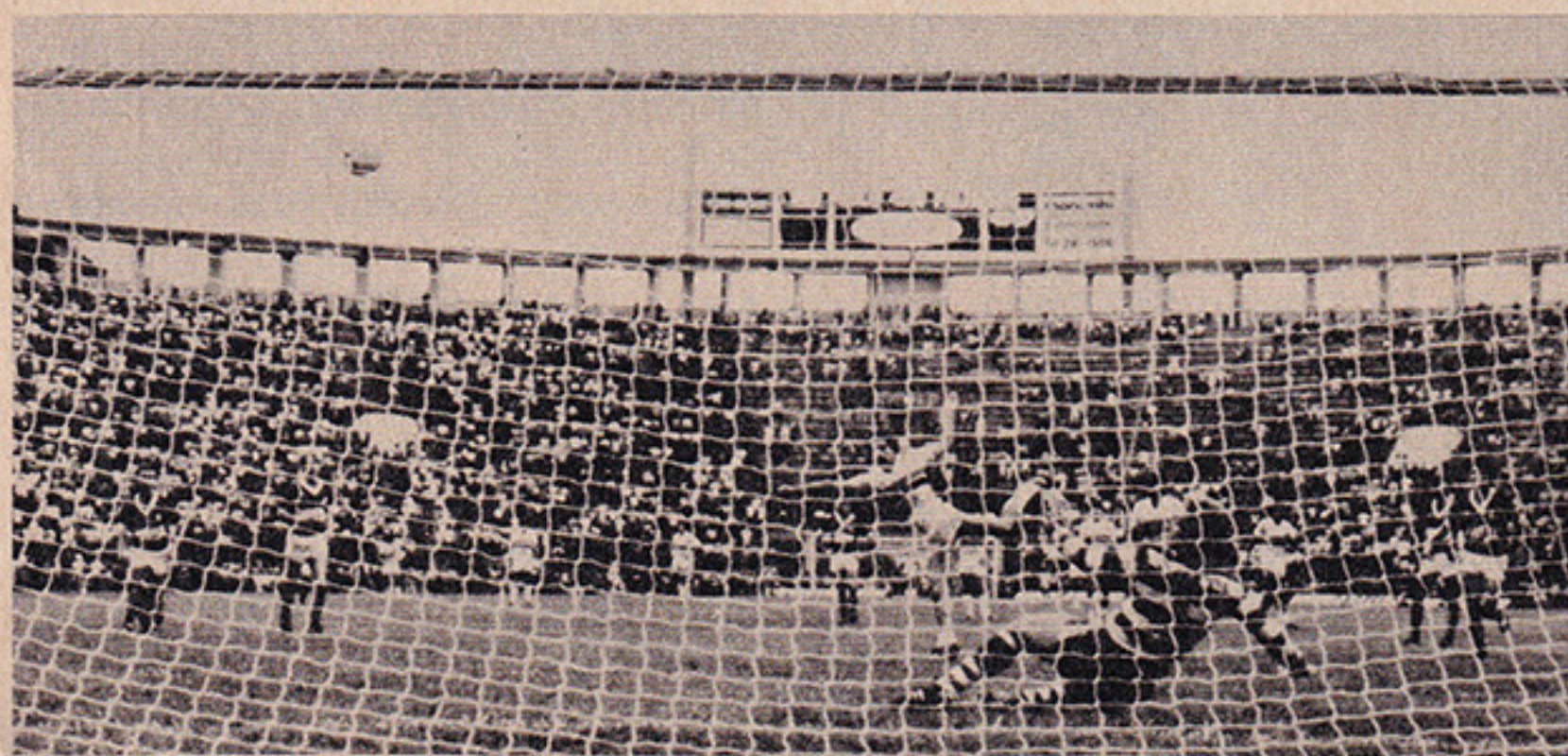


**Mendonça (que não aparece) bateu a falta na barreira e emendou na volta: 3 x 3**





Careca bate o pênalti alto, no meio do gol, e faz 3 x 1 para o São Paulo



Careca bate o pênalti alto, no meio do gol, e joga fora a vitória

FOTOS SAULO MAZZONI

Quando cobrei a falta no terceiro gol, a bola bateu na barreira e voltou ao meu pé. Para melhorar as coisas, a barreira ainda abriu”.

O técnico Mário Travaglini, há três partidas no clube, acha que o empate abre uma nova era e estava eufórico: “Foi um jogo histórico, que marcou a retomada do futebol-arte. Não houve uma única jogada desleal”, vibrava, esquecido de que o Palmeiras fez mais faltas no primeiro tempo (que acabou com a vitória parcial do São Paulo por 2 x 1) do que o adversário em todos os

90 minutos. Mas Travaglini tinha bons motivos para se alegrar com o jogo, um espetáculo raro no futebol de hoje: oito gols, dois pênaltis perdidos e movimentação constante no placar. Por isso ele contava no domingo: “Eu fui correndo para casa, louco para ver o teipe”.

Depois de reviver as emoções, podia garantir: “Foi mesmo um show”. Apesar de ter preferido viver diferentes emoções naquela noite, Cilinho concordava com o técnico do Palmeiras: “Foi fora-de-série”. □

### FICHA TECNICA

|                        |          | SÃO PAULO                            |           | PALMEIRAS |           |
|------------------------|----------|--------------------------------------|-----------|-----------|-----------|
|                        |          | 1.º tempo                            | 2.º tempo | 1.º tempo | 2.º tempo |
| Arremates a gol        | Certos   | 5                                    | 4         | 4         | 6         |
|                        | Errados  | 2                                    | —         | 2         | 3         |
|                        | Na trave | 1                                    | 1         | —         | —         |
| Escanteios a favor     |          | 5                                    | 1         | 1         | 4         |
| Impedimentos cometidos |          | 5                                    | 3         | 2         | 1         |
| Faltas cometidas       |          | 9                                    | 7         | 17        | 9         |
| Defesas do goleiro     |          | 3                                    | 5         | 3         | 3         |
| Pênaltis cometidos     |          | 1                                    | —         | —         | 2         |
| Tempo e temperatura    |          | Bom, 23º no 1.º, nublado, 22º no 2.º |           |           |           |
| Estado do gramado      |          | Bom                                  |           |           |           |

O Palmeiras chutou mais a gol, mas o São Paulo mandou duas bolas na trave. E o Palmeiras ganhou também nas faltas: 26 contra 16

### AS NOTAS DA BOLA DE PRATA

#### SÃO PAULO

|               |   |   |
|---------------|---|---|
| Barbiroto     | 7 | Apesar dos gols, fez grandes defesas      |
| Éder Taino    | 5 | Razoável no apoio, fraco na marcação      |
| Oscar         | 7 | Um gol, uma bola na trave e alguns erros  |
| Fonseca       | 5 | Muito empenho. Mas voltou a comprometer   |
| Nelsinho      | 6 | Teve uma atuação discreta                 |
| Márcio Araújo | 6 | Outro que pouco apareceu na partida       |
| Müller        | 7 | Um golaço e jogadas inteligentes          |
| Pita          | 8 | Fez um gol de Pelé e maravilhou a torcida |
| Silas         | 7 | Atrevido, esperto. Bom primeiro tempo     |
| Careca        | 7 | Em ótima fase, mas perdeu um pênalti      |
| Sídnei        | 6 | Veloz e perigoso, mas inconstante         |
| (Vizolli)     | — | Jogou pouco tempo, de olho em Jorginho    |

### AS NOTAS DA BOLA DE PRATA

#### PALMEIRAS

|               |   |  |
|---------------|---|--|
| Leão          | 6 | Mostrou nervosismo. Fez dois pênaltis  |
| Ditinho       | 6 | Apoiou com empenho e empatou no fim    |
| Maxwell       | 4 | Desentrosado, jogou muito mal          |
| Vágner        | 5 | Preocupado com a defesa e Careca       |
| Paulo Roberto | 6 | Como atacante até que se saiu bem      |
| Rocha         | 7 | Não se entrega nunca. Um guerreiro     |
| Paulinho      | 5 | Fraco até no combate                   |
| Mendonça      | 7 | Mesmo sem brilhar, marcou dois gols    |
| Barbosa       | 6 | Buscou o jogo, mas não aconteceu       |
| Reinaldo      | 5 | Perdeu pênalti. A fase é ruim          |
| Jorginho      | 7 | Cavou pênalti, fez gol. Liderou o time |
| (Hélio)       | 6 | Mexeu-se bastante                      |
| (Gilcimar)    | — | Jogou só 16 minutos                    |





TAÇA DE OURO

## ***O Menudo passou por aqui***

No dia seguinte, o Morumbi era um depósito de lixo. Corinthians e Flamengo não jogaram e o gramado só será recuperado em 15 dias, no mínimo

**E**m 25 anos de vida, o gramado do Morumbi já recebeu a visita do papa João Paulo II, dos conjuntos Queen e Kiss, serviu de quadra de vôlei para Brasil e Estados Unidos. Em todas essas ocasiões extrafutebol, nunca houve prejuízos muito sérios a lamentar. Até sábado passado, depois da histeria coletiva dos meninos do Menudo e suas fãs que invadiram o estádio são-paulino.

No dia seguinte — um domingo que seria de Corinthians x Flamengo —, o que se via no Morumbi era um quadro desolador. Literalmente, o gramado se transformou num imenso depósito de lixo. No meio da sujeira, logo de ma-



**BANDEIRANTES  
Δ RÁDIO DO POVO**



SERGIO BEREZOVSKY

**Latas vazias, restos de comida, sujeira: um saldo lamentável**

nhã, o presidente Carlos Miguel Aidar, do São Paulo, anunciava que não haveria a menor possibilidade de Corinthians e Flamengo jogarem, por causa do “lastimável estado do gramado”. Otimista, o presidente Aidar acreditava precisar de “uns dez a 15 dias para recuperar o campo”. Se isto acontecer, será um milagre: com as chuvas que caíram em São Paulo no sábado e no domingo, em alguns pontos do gramado os pés afundavam até os tornozelos. O tapete colocado para proteger o gramado estava encharcado e só seria retirado quando secasse: pesava entre 300 e 400 kg. Um mês parece pouco para a recuperação.

Nos cálculos iniciais do presidente Aidar, o prejuízo do clube será de 80 milhões de cruzeiros — isso sem contar a perda da cota de aluguel do estádio para os jogos que lá não poderão ser realizados nas próximas semanas. Assim, o lucro do São Paulo não chega nem a ser compensador, mesmo se se acreditar que o clube, conforme assegura Aidar, tenha recebido 240 milhões de cruzeiros para ceder seu estádio ao Menudo. Para se fazer uma comparação, o Vasco alugou São Januário, na semana retrasada, por 15 milhões.

No fim, todos saíram prejudicados. Principalmente o Corinthians, o Fla-

mengo e suas torcidas. Na porta do Morumbi, um chefe de torcida rubro-negra perguntava, patético, o que fazer — ele e mais os outros companheiros, que lotaram 52 ônibus para vir assistir ao jogo. Em seu quarto do Hilton Hotel, onde o Corinthians estava concentrado, o técnico Carlos Alberto Torres estava irritadíssimo. Torres via pela televisão a partida entre Milan e Inter, no Estádio de San Siro, quando soube do adiamento do jogo do Morumbi. O comentário foi inevitável: “Duvido que a Federação Italiana permitisse um show desses às vésperas de uma partida de futebol, com todo mundo pisando no campo o dia inteiro”, esbravejou. “O que aconteceu é uma brincadeira e desestimula a gente a trabalhar sério.”

#### **O MENU DO ARRASOU TUDO**

Os meninos do Menudo vão embora deixando pelo menos três amargas recordações: além do Morumbi, o Estádio Mangueirão, em Belém, também foi arrasado pelo público; duas pessoas morreram na entrada do Estádio de São Januário, do Vasco. Os porto-riquenhos deixam também uma lição que precisa ser aprendida: estádios de futebol servem ou não para outros espetáculos? “Não é o lugar ideal”, responde Gino Orlando, administrador do Morumbi há 17 anos. “Em que outro lugar, porém, poderia ser abrigada tanta gente, senão aqui?” O empresário Roberto Medina, responsável pela promoção do *Rock in Rio*, em janeiro passado, tem opinião diversa: “Show em estádio é um simples e às vezes arriscado paliativo. Sem contar que estamos no meio de um Campeonato Brasileiro de futebol e os campos ficam temporariamente prejudicados”. O presidente do Corinthians, Waldemar Pires, porém, até desculpa o São Paulo por tudo: “Temos de entender que eles só alugam o campo para shows para conseguir recursos que o futebol não tem conseguido dar ultimamente”.

Este é um assunto para se esquecer logo, porém. Quando Corinthians e Flamengo voltarem a campo — dia 3 de abril —, ninguém mais se irá lembrar que o Menudo passou por aqui. Enlouquecendo suas fãs e arrasando gramados dos nossos estádios. □





FUTEBOL

# “Sou o último romântico”

Quem é Cilinho, o criticado técnico do jovem São Paulo

**M**orumbi, 9 de março. O São Paulo acaba de perder para o Coritiba (1 x 0), na estréia do retorno da Taça de Ouro. Os jogadores são-paulinos descem rápido para o vestiário. O treinador, porém, atravessa vagarosamente o campo, cabeça erguida, sem se abater com o coro que vem da arquibancada: “Fora, Cilinho! Fora, Cilinho!” Na verdade, no íntimo, ele está se sentindo arrasado. Chateado com o resultado? Nem tanto: “Foi um acidente de percurso”. Insatisfeito com seus jogadores? Nada disso: “Nossos garotos mostraram muita coragem”. Raiva da torcida? Também não: “Eles apenas descarregam em campo suas angústias e frustrações da vida que levam”. No fundo, Cilinho está arrasado porque acredita ter perdido uma grande oportunidade naquela tarde de sábado: “O que eu lamento é que mais de 2 000 garotos vieram ao estádio, arrastaram seus pais e saíram frustrados pela derrota do São Paulo — o time pelo qual eles estão começando a torcer. Se tivéssemos vencido, certamente eles teriam voltado no próximo jogo, e no próximo, e no próximo...”







RONALDO KOTSCHO

Com o garoto Müller: trabalho de aproximação

O campineiro Otacílio de Oliveira Pires de Camargo, 46 anos, é mestre em surpreender com suas atitudes. “Ele é um tipo inesquecível pela sua forma de agir”, garante o preparador físico Beбето, amigo de Cilinho desde seus tempos de jogador, há 20 anos. “Ele é um revolucionário, um educador e tem uma determinação incrível”, afirma o goleiro Barbiroto. “É preciso ter muito peito para se fazer o trabalho a que ele se propõe e ser sempre criticado... Só sendo um idealista, mesmo.”

### “Meu coração é aberto para as grandes causas”

Ele se considera um perfeccionista. E se atira de corpo e alma em busca de seus ideais. “Minha maior gratificação é ver meus objetivos alcançados, é formar times fortes, é ver um trabalho ser coroado de êxitos”, garante. Ganhar um título, para ele, pode não ser o mais importante. Na final do Campeonato Paulista de 1982, Cilinho assistiu pela tevê a seu menino Alfinete, lateral-direito

revelado por ele no XV de Jaú, dar a volta olímpica com a camisa corinthiana, na vitória sobre o São Paulo. “Não agüentei e chorei muito de felicidade pelo sucesso dele”, confessa o técnico.

“Sou um romântico, sim”, admite. “Sou de um tempo em que os grandes craques iam dormir com a bola debaixo do travesseiro. Sentir essa saudade é ser romântico?”, pergunta. “Então eu sou um deles.” Segundo Cilinho, não há mais espaços para esse romantismo. “Hoje, o cabeça-de-bagre se nivela ao craque por culpa do juiz, que não coíbe a violência”, sustenta. “Além disso, paga-se bicho por um empate de 0 x 0. Quem vai-se arriscar a perder esse dinheiro? Equipes amedrontadas pela falta de estrutura jogam retrancadas, covardemente — pois o técnico que perde duas partidas é demitido e então bota todo o time para se defender.” E o que é pior, para ele: tudo já começa errado nas equipes de baixo. Há algum tempo, Cilinho foi assistir a uma partida entre dentes-de-leite. Saiu antes que o jogo terminasse, revoltado. Não suportou ver as crianças jogando num campo oficial. “É uma tortura.” Achou uma estupidez a garotada guardando posição — um na lateral,

outro de zagueiro, ponteiros, centroavante. “Uma bobagem: é preciso dar liberdade para a meninada, deixá-los à vontade para se descobrir naturalmente suas potencialidades.” A gota d’água, porém, foi a atitude do técnico do time que marcou 1 x 0: mandou todo mundo se fechar na defesa para garantir o resultado. “Aí, eu fui embora.”

Nas circunstâncias do futebol brasileiro atual, segundo Cilinho, só mesmo partindo para um trabalho de renovação, como o que ele está fazendo no São Paulo. “É um trabalho sério, de base”, testemunha o zagueiro Juninho, do Corinthians, revelado por Cilinho na Ponte Preta. “Só que as cobranças da torcida podem atrapalhá-lo.” Cilinho já cansou de ouvir esse tipo de coisa, e tem a resposta pronta: “O São Paulo é um time grande e vai ser cobrado sempre, renovando o elenco ou não. E o tempo vai mostrar que eu estava certo”.

### “Cobra que não anda não engole sapo”

Outro craque revelado por ele — o zagueiro Oscar, do São Paulo — define-o da seguinte maneira: “Onde ele vai, arruma a casa”. De fato, Cilinho geralmente é chamado por clubes em má situação financeira, que precisam vender os bons jogadores para reforçar o caixa e, sem outra alternativa, apelam para a safra de suas equipes inferiores. Aí, chamam Cilinho para dar um jeito. Foi assim logo em sua estréia como treinador, em 1964, na Ponte Preta. E assim continuou, na Ferroviária, Noroeste, XV de Piracicaba, Comercial, XV de Jaú, Sport, Portuguesa, Santos... “Hoje, eu me sinto recompensado pelos homens que formei e pelos jogadores em quem acreditei”, costuma dizer.

Formar homens. O goleiro Barbiroto pode, melhor que ninguém, exemplificar o que Cilinho quer dizer com isso. Foi no jogo São Paulo x Ferroviária, no Campeonato





RONALDO KOTSCHO

**Professor Bebeto: "Meu tipo inesquecível"**

Paulista do ano passado. No meio da partida, o goleiro do São Paulo agrediu o ponta Bozó. O juiz não expulsou Barbiroto. "Mas eu lhe dei o cartão vermelho", relembra Cilinho. Barbiroto, a partir daquele jogo, amargou a reserva um bom tempo. "Foi uma lição dura, mas que me amadureceu", reconhece hoje Barbiroto. "Era uma época em que tudo estava ficando muito fácil para mim: convites para festas, muita badalação da imprensa... 'Seu' Cilinho me trouxe de volta à realidade." O volante Márcio Araújo diz que o grande mérito do treinador é "falar as coisas que o jogador não gosta de ouvir, mas que precisam ser ditas, para o seu próprio bem".

### **"Adoro jogador que detesta a derrota"**

Se há uma coisa de que Cilinho não abre mão é a de sempre fazer crescer o homem e o jogador. "Um dia, a carreira acaba e aí é preciso começar nova vida", ensina. Por isso, a partir deste mês,

ele inicia uma série de reuniões no auditório do São Paulo F.C. com personalidades de diversas áreas: o jornalista econômico Celso Ming irá falar sobre aplicações financeiras, o ator Lima Duarte irá contar sua carreira. "Já imaginou o que os jogadores vão aprender sobre a vida, ouvindo Lima Duarte?", entusiasma-se Cilinho.

Este entusiasmo irradia-se, nos

últimos tempos, pelos lados do Morumbi. Se ainda não conseguiu contagiar a torcida, pelo menos os jogadores — todos eles — não escondem sua simpatia pelo treinador. "Ele trata a gente como faz com o Oscar ou o Pita", assegura o garoto Vizolli. "Os mais velhos são um exemplo fantástico para os mais jovens", explica Cilinho. "Não existe melhor exemplo para um Müller, que está começando, do que ver quais são os objetivos dos mais experientes, como Oscar: o garoto vai procurar espelhar-se naquele que até há pouco tempo era seu ídolo."

### **"Eu não tenho medo de perder o emprego"**

É esse o trabalho de Cilinho no São Paulo: aproximar os meninos que estão começando a carreira e pô-los em contato com os grandes craques.

"Faço um trabalho educativo, honesto e corajoso. Não me incomodo com vaias nem tenho medo de perder meu emprego." Coisas de um romântico. Ao que tudo indica, o nosso último romântico.

**Mário Sérgio Della Rina**



NICO ESTEVES

**Oscar, uma de suas revelações: "Arrumador de casas"**





NICO ESTEVES

### FASE AZUL

Por mais esquemático e científico que se torne o futebol, a "fase" é uma dessas entidades misteriosas que seguem regendo o desempenho dos jogadores. O centroavante Careca, do São Paulo, por exemplo, viveu uma fase horrível nos últimos dois anos, que parece ter-se invertido de vez nesta temporada. Cotadíssimo para ocupar o centro do ataque da Seleção nas eliminatórias, Careca tem brilhado particularmente nos jogos assistidos pelo técnico Evaristo de Macedo. Como na quarta-feira passada, contra o Guarani, quando ele saiu de campo com dois gols assinalados na súmula — quando, na verdade, não fizera nenhum. No primeiro, validado pelo árbitro Roberto Nunes Morgado, a bola bateu no travessão e caiu um palmo antes da linha; no outro, atribuído a ele, o chute iria para fora, se não fosse desviado pelo zagueiro Wilson Gotardo.

### VIDA DURA

A carioca Patrícia Amorim, 16 anos, recordista sul-americana dos 400 m nado livre, encerrou na semana passada seu período de férias e mergulhou num programa de treinamentos intensivos que só deve acabar no ano que vem.

Careca: na maré a favor, os gols saem de todo jeito

Mezanino do bar Willi Willie, em São Paulo: flechadas por 2 000 cruzeiros

Visando desde já as competições de fim de ano e o Mundial de natação de 1986, na Espanha, e animada pela renovação de seu contrato com a Kibon, que promete levá-la a um estágio nos Estados Unidos, Patrícia estabeleceu essa rotina de vida: acorda às 4 da manhã, meia hora depois já está na piscina do Flamengo, de onde sai às 6h30. Às 7h15 entra em aula no Colégio Rio de Janeiro. Depois do almoço, volta ao clube às 3 da tarde e treina até às 6. Quando chega em casa, "janta e morre", como diz sua mãe, Tânia Amorim.

### ARCO E TRAGO

Na Argentina, as arquerias não são novidade. São bares em que, além de conversar e bebericar alguma coisa, pode-se praticar arco e flecha. Por aqui, entretanto, elas são pouquíssimas, mas atraem um grande número de curiosos. O pioneiro foi o Bar e Arqueria Willi Willie, no bairro paulistano do Itaim, aberto há seis anos, que cobra 2 000 cruzeiros de "consumação esportiva" dos clientes que podem lançar dez flechas. "É mais uma brincadeira. Ninguém que atira aqui já se pode considerar um grande arqueiro", garante o uruguaio

José Manuel Pérez Mateo, o Pepo, 24 anos, dono da casa e amante do esporte. Ele explica: a arqueria funciona num mezanino de 4 x 8 m e os três alvos ficam a uma distância de aproximadamente 6 m — quando a distância mínima em competições é de 18 m. O próprio Pepo ensina os

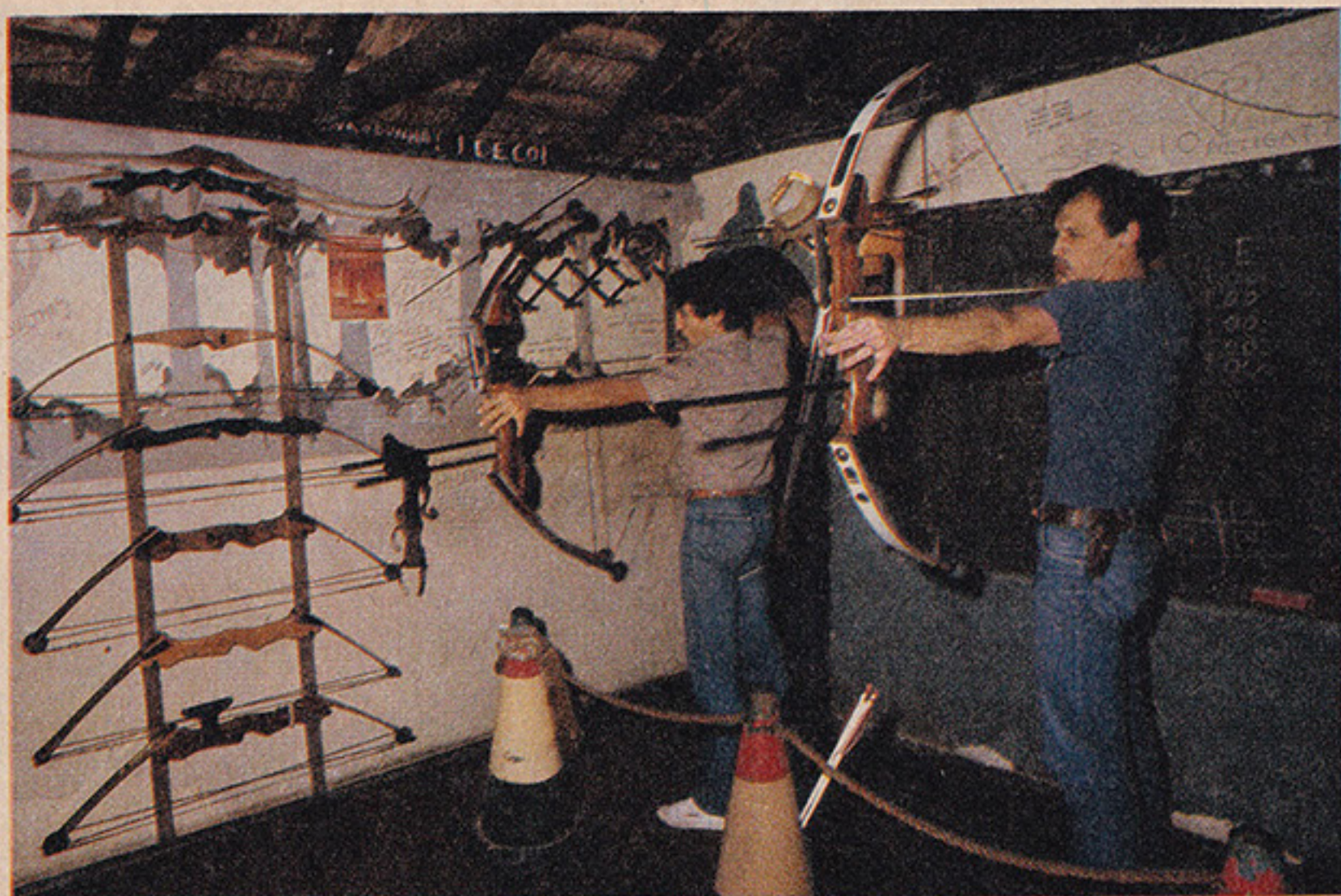


Patrícia Amorim: de volta aos treinos, animada pelo novo contrato

RICARDO BELIEL

iniciantes e já conseguiu levar muitos frequentadores da casa para as competições oficiais.

"O arco e flecha é um esporte que vicia. Só não consegue atirar quem não tem mesmo coordenação motora", garante ele.



RONALDO KOTSCHO



**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO**  
**JOÃO FARAH**  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**